



**UNIVERSIDAD DE CIENCIAS  
EMPRESARIALES Y SOCIALES**

[www.uces.edu.ar](http://www.uces.edu.ar)

**INSTITUTO DE ALTOS ESTUDIOS EN PSICOLOGÍA Y  
CIENCIAS SOCIALES (IAEPCIS) “David Maldavsky”**

**Doctorado en Psicología  
Departamento de Investigaciones**

**Sábado 24 de julio de 2021 – 9:00 a 17:00  
(Buenos Aires)**

**XVII Jornadas Internacionales de Investigación en  
Psicología UCES 2021**

**XIX Jornadas Internacionales de Actualización del  
Algoritmo David Liberman**

**II Simposio de Especialistas en Salud Mental en  
Emergencias y Desastres**

## **A RE(INSERÇÃO) SOCIAL DE FAMÍLIAS DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

Cristina de Fátima de Oliveira Brum Augusto de Souza; Fernanda Castro Manhães;  
Carlos Henrique Medeiros de Souza

**Resumo:** Este estudo tem como objetivo geral analisar os desafios enfrentados por famílias de crianças com TEA durante o processo de (re)inserção social. Os procedimentos metodológicos dividem-se nas seguintes etapas: revisão da literatura existente acerca do tema pesquisado, em busca de suporte ao estudo; coleta de dados, por meio de questionário e análise de conteúdo, confrontando os resultados obtidos com a teoria de suporte e, por fim, a formulação da conclusão, podendo ser caracterizada como uma pesquisa quantitativa e qualitativa. Como resultados, a pesquisa demonstra que pais e responsáveis de crianças autistas têm os sentimentos negativos, como medo, tristeza e frustração, intensificados devido ao diagnóstico de seus filhos. Os participantes da pesquisa possuem características peculiares, mas compartilham os desafios no processo de aceitação e reinserção social. Os impactos de um membro atípico como o autista, no contexto familiar, abrangem mudanças, adaptações, conflitos conjugais, conflitos familiares e dificuldades de relação com o meio. Sendo assim, os desafios do processo de reinserção social dos participantes se resumem no preconceito, no desconhecimento e na falta de preparo da sociedade para conviver com o autismo, realidade refletida na ausência de políticas públicas efetivas no âmbito de diagnóstico, tratamento e amparo do autista e de seus familiares.

**Palavras-chave:** Autismo. Família. Reinserção social.

**Resumen:** Este estudio tiene como objetivo analizar los desafíos que enfrentan las familias de niños con TEA durante el proceso de (re) inserción social. Los procedimientos metodológicos se dividen en los siguientes pasos: revisión de la literatura existente sobre el tema investigado, en busca de apoyo al estudio; recolección de datos, a través de un cuestionario y análisis de contenido, comparando los resultados obtenidos con la teoría de apoyo y, finalmente, la formulación de la conclusión, que se puede caracterizar como una investigación cuantitativa y cualitativa. Como resultado, la investigación demuestra que los padres y tutores de niños autistas tienen sentimientos negativos, como miedo, tristeza y frustración, intensificados debido al diagnóstico de sus hijos. Los participantes de la investigación tienen características peculiares, pero comparten los desafíos en el proceso de aceptación y reinserción social. Los impactos

de un miembro atípico como el autista, en el contexto familiar, incluyen cambios, adaptaciones, conflictos maritales, conflictos familiares y dificultades en relación con el entorno. Así, los desafíos del proceso de reinserción social de los participantes se resumen en el prejuicio, el desconocimiento y la falta de preparación de la sociedad para vivir con autismo, realidad que se refleja en la ausencia de políticas públicas efectivas en el contexto del diagnóstico, tratamiento y apoyo al autista. y sus familiares.

**Palabras clave:** autismo. Familia. Reinserción social.

## 1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) está cada vez mais presente no âmbito social, levantando inúmeras discussões devido à necessidade de desmistificar o assunto. Dados do Centers for *Disease Control and Prevention* apresentam uma prevalência de 1 caso de autismo para cada 54 indivíduos (CDC, 2020). A palavra “autismo” tem origem grega e significa “por si mesmo”, sendo o termo utilizado, atualmente, para designar comportamentos humanos centralizados em si mesmo, ou seja, voltados apenas para o próprio indivíduo.

Os estudos a respeito do autismo têm percorrido um longo caminho durante os últimos anos em prol do seu conhecimento, sendo um assunto que desperta muita atenção e interesse das comunidades acadêmicas. No entanto, apesar do avanço das pesquisas acerca do tema, o autismo ainda é permeado de controvérsias. Com relação à etiologia do TEA, há muitas dúvidas e controvérsias que implicam discussões entre teorias que se confrontam: alguns pesquisadores acreditam que a origem do autismo é afetiva, enquanto outros defendem a hipótese de uma origem psicológica ou biológica.

As crianças que se encontram no TEA não possuem aspectos físicos anormais, mas possuem especificidades comportamentais que chamam a atenção das pessoas com quem se relacionam diretamente. Características do autismo são perceptíveis no cotidiano da criança como, por exemplo, o déficit na linguagem, caracterizado pelo atraso ou ausência do desenvolvimento oral, e o déficit na interação social, sendo recorrente a dificuldade de socialização.

Os déficits na linguagem e nas habilidades de comunicação e socialização são alguns dos maiores desafios do autista e de seus familiares no processo de inserção e reinserção social, respectivamente, à medida que esse último consiste na retomada de vínculos sociais, ou seja, da convivência em espaços sociais e instituições.

O nascimento de uma criança é um momento idealizado pelos familiares, em que as expectativas são construídas em torno da nova vida que se inicia. Dessa maneira, uma ruptura nesses planos gera impactos negativos para todos os membros

familiares, ou seja, o TEA compromete o grupo familiar quando este começa a conviver com o problema. Para a família do autista, o diagnóstico do transtorno representa um conjunto de sensações e sentimentos diversos, que giram em torno de frustrações, culpa, insegurança, luto e medo.

Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar os desafios enfrentados por famílias de crianças com TEA durante o processo de (re)inserção social. Os objetivos específicos consistem em: descrever as características do TEA à luz das teorias existentes; identificar as principais linhas teóricas que tratam da (re)inserção social das famílias de crianças com TEA; investigar o impacto do diagnóstico do TEA na família; e compreender como se estabelece a relação entre famílias de autistas e a sociedade.

Justifica-se esse estudo por sua relevância social e acadêmica, cuja finalidade se aplica no delineamento de processos de inserção dos indivíduos com TEA e seus pais no ambiente social, de forma que a sociedade seja significativa à vida do indivíduo autista e de seus familiares. Reflete-se sobre as dificuldades encontradas pelos familiares no ambiente social e, através de questionários, serão apontadas as necessidades e estudadas as formas viáveis de divulgação para amenizar os impactos negativos que perpassam a relação entre a família e sociedade.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1 O impacto do autismo na qualidade de vida**

A princípio, é necessário explicar que “estilo de vida” e “qualidade de vida”, apesar de parecidas, são expressões que se referem a aspectos diferentes da vida humana. Alcaniz *et al* (2015) definem estilo de vida como uma expressão moderna, utilizada para caracterizar a estratificação da sociedade por meio de seus comportamentos, hábitos, escolhas e formas de experimentar a vida. Por outro lado, a qualidade de vida é definida por Figueira *et al* (2015), como uma autoavaliação relativa à satisfação, realização e bem-estar, em vários aspectos e dimensões da vida. Em resumo, a qualidade de vida aponta a um contexto específico, no qual são avaliadas as limitações emocionais, físicas e sociais de um indivíduo.

O termo qualidade de vida teve seu primeiro relato na literatura no ano de 1930 e, desde então, possui uma interpretação complexa (Bahia, 2002). De acordo com Silva e Ribeiro (2013), em 1947, o termo começou a ser utilizado pela Organização Mundial da Saúde como uma forma de relacionar o bem-estar emocional ao social e físico, ou seja, um parâmetro para mensurar o bem-estar de um indivíduo de uma forma mais ampla.

De acordo com Ferreira (2009), a expressão qualidade de vida é mencionada em diversas áreas, entretanto, não existe um significado unânime. Apesar da expressão ser usada de forma extensa, há uma grande ambiguidade conceitual e teórica em sua forma de definição. A forma de expressar a qualidade de vida depende da diversidade humana e de determinadas épocas, o que leva a uma falta de igualdade acerca de uma definição sólida e coerente (Bahia, 2002).

Na concepção de Souza (2001), cada pessoa pode apresentar o seu próprio conceito de qualidade de vida, posto que o conceito pode variar conforme as experiências do indivíduo. Para a Bahia (2002), a qualidade de vida é a percepção individual de sua posição na vida, no contexto da cultura e em sistemas de valores nos quais vive e em relação a suas expectativas, padrões e preocupações. Diante dessas afirmativas, podemos partir da definição de qualidade de vida como processo pelo qual se vive e tudo que colabora para o bem-estar próprio.

Segundo autores como Mas (2018) e Whitman (2015), o diagnóstico do TEA impacta de diversas maneiras o âmbito familiar, fragilizando todos os seus membros. A literatura documenta que o diagnóstico do autismo acarreta uma série de problemas no contexto familiar, como: sintomas de ansiedade, sintomas depressivo, conflitos conjugais e restrições das atividades sociais (Obeid; Daou, 2015).

Assim, a importância de determinar a qualidade de vida de familiares de indivíduos autistas ou de indivíduos diagnosticados com qualquer outro transtorno de desenvolvimento está na possibilidade de verificar o impacto dessa nova realidade em suas vidas, determinando suas necessidades específicas. A identificação dessas variáveis pode auxiliar em um melhor planejamento para a reinserção social desses sujeitos, bem como no acolhimento desses na vida em sociedade.

Sabendo, então, que o conceito de qualidade de vida trata da percepção individual que uma pessoa possui em relação a sua própria vida, de acordo com Mas (2018), a percepção do indivíduo sobre o âmbito familiar também influencia na forma como ele dá significado a sua existência. As demandas exigidas por um membro familiar atípico, como o autista, fazem com que os demais familiares se sintam sobrecarregados, além dos sentimentos de angústia e a preocupação com o grau de evolução desses (Rellini et al 2005).

Em sua pesquisa, Jorge (2013) afirma que o medo em relação a independência do filho atípico atormenta o cotidiano de pais e responsáveis, pois entendem que na sua ausência o filho precisará de outras pessoas. Seguindo as afirmações de Jorge (2013), o autor Simões (2014) enfatiza que esses pais e responsáveis esperam que o desenvolvimento de seus filhos diminua as demandas diárias que lhe foram exposta e

a falta dessa resposta acarreta mais sentimento de tristeza e frustração (Onore, careaga e Ashwood, 2012).

Para Silva e Ribeiro (2013), o termo qualidade de vida é composto por diversos conceitos, entre os quais se concentra a função social, ou seja, os relacionamentos interpessoais e a participação em atividades sociais. Tendo isso em vista e sabendo que a sociedade tende a olhar para o autista, ou para qualquer outro indivíduo que não se encaixe nos “padrões de normalidade”, com um olhar de julgamento e medo, é como que os familiares se afastem de seus meios sociais para evitar que os filhos vivenciem situações de constrangimento e discriminação (Whitman, 2015). Muitas vezes, os comportamentos específicos do autista e o nível em que ele se encontra dificultam o processo de reinserção social de seus familiares, logo, impactam de forma negativa na qualidade de vida dos envolvidos.

Nessa seara, o medo e a culpa são sentimentos comuns ao âmbito familiar de um indivíduo autista, o que os faz se isolar socialmente para esconder as características do membro familiar com TEA (Cunha, 2018) e, desse modo, limita as participações em atividades sociais que servem de recursos para melhora na qualidade de vida da família de modo geral (Pereira et al., 2017).

Gomes et al., (2015) dizem que o diagnóstico de autismo faz com que todas aquelas expectativas depositadas na criança durante a gestação sejam adaptadas para a realidade de um filho que possui suas próprias características e que exige um suporte emocional e uma assistência adequada. Essas peculiaridades surgem como um desafio para pais e responsáveis e a forma como lidam com o transtorno dos filhos influenciará diretamente na maneira como enxergam a vida e os desafios a que estão sendo submetidos.

### **3 METODOLOGIA**

No que tange aos procedimentos metodológicos da pesquisa, estrutura-se o trabalho nas seguintes etapas: revisão da literatura existente acerca do tema pesquisado, buscando um suporte ao estudo; coleta de dados, por meio de questionário e análise de conteúdo, confrontando os resultados obtidos com a teoria que dá suporte à investigação e, por fim, a formulação da conclusão.

#### **3.1 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados**

Os instrumentos utilizados na coleta de dados foram um questionário para coleta de dados sociodemográficos e um questionário acerca do cotidiano dos entrevistados. No primeiro, foram coletados dados pessoais, como escolaridade, idade, fontes de renda e utilização de redes de apoio, ou seja, dados relevantes para caracterização do

grupo de participantes e para revelar características individuais. O segundo questionário, por sua vez, foi utilizado como veículo principal de coleta de dados, uma vez que as questões estavam diretamente relacionadas ao problema e objetivos da pesquisa.

A organização do questionário teve como base as informações obtidas na revisão de literatura e a entrevista foi realizada em outubro de 2019. Antes da aplicação dos questionários, explicações foram fornecidas aos pais e mães, a fim de que entendessem a importância da pesquisa e, também, para encorajá-los a participar do estudo. No entanto, dois pais se recusaram a participar e os responsáveis que aceitaram somente após o consentimento por escrito responderam aos questionários. As entrevistas ocorreram nos horários em que os filhos dos participantes estavam sendo atendidos.

### **3.2 Procedimentos de análise de dados**

A análise das informações foi realizada conforme os dados gerados pelo instrumento de pesquisa. Os conteúdos obtidos por meio dos questionários foram estudados de forma criteriosa e, em seguida, analisou-se estatisticamente as perguntas realizadas, com intuito de indicar o percentual de cada resposta. A análise dos dados considerou ainda as relações entre as respostas obtidas e a literatura disponível acerca do tema pesquisado. Após a leitura, procedeu-se à organização do material em categorias.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **4.1 Perfil da amostra**

No total, 24 responsáveis frequentam a clínica Moving Kids, dentre os quais 2 não quiseram responder ao questionário. Assim, a amostra da pesquisa consiste em 22 responsáveis de crianças autistas, entrevistados em outubro de 2019. Quanto ao perfil dos pesquisados, foram obtidos os seguintes resultados:

- Gênero: Do total de entrevistados, 15 são do gênero feminino, representando 68%, enquanto 7 são do gênero masculino, ou seja, 32%. Portanto, participaram da entrevista 15 mães e 7 pais.
- Escolaridade: No que diz respeito ao nível de escolaridade, 10 possuem ensino médio completo (45%), 6 completaram um curso de graduação (27%), 1 possui curso de pós-graduação stricto sensu (5%) e 5 concluíram um curso de pós-graduação lato sensu (23%).
- Etnia: Em relação à etnia dos respondentes, 12 se consideram brancos (55%), 6 se declaram negros (27%) e 4 dizem ser pardos (18%).

## **4.2 Análise e debate**

Durante todo o processo de construção da presente pesquisa, não foi fácil selecionar literaturas que abordassem especificamente os desafios no processo de reinserção social de crianças autistas, uma vez que a maioria dos estudos abordam apenas a relação entre o autismo e família e os efeitos da criança autista sobre seus pais e demais familiares, o que denota a relevância do presente estudo.

Sabe-se que exercer a função de pai ou mãe de uma criança autista é complexo e envolve o convívio com sentimento de culpa, medo e incertezas. Após o diagnóstico, todos os familiares enfrentam inúmeros desafios, mas é preciso conscientizá-los na busca por melhorias e assegurar seus direitos em todos os aspectos, como educação, serviços de saúde, transporte e outros.

O contexto familiar é afetado diretamente pelo TEA, à medida que por precisarem interromper as atividades sociais comuns no cotidiano para se unir à disfunção da criança, a reprodução de valores sociais e a manutenção do contexto social se torna inviável, o que reforça os sentimentos de frustração diante do contexto em que estão inseridos. Sabendo, então, a importância de garantir a inclusão do autista na sociedade e, conseqüentemente, a inclusão familiar após o diagnóstico do filho autista, a presente pesquisa, de natureza qualitativa, pretende refletir sobre a inserção coletiva de crianças com autismo e suas respectivas famílias no contexto social.

Os pais e familiares de indivíduos autistas sofrem, assim, uma frustração com relação ao diagnóstico, uma vez que precisam apresentar à sociedade um filho que foge aos padrões de “normalidade”. Conforme foi discutido ao longo do estudo, a família cria expectativas e planos em relação ao filho esperado e, por isso, se frustram com a chegada de um filho autista.

Os pais e responsáveis participantes da pesquisa apresentaram características peculiares, diferentes gêneros, etnias, graus de escolaridade e diferentes etapas do ciclo vital familiar. Esses fatores permitiram identificar que, apesar das realidades divergentes, os desafios no processo de aceitação e reinserção social são os mesmos. Percebeu-se que o diagnóstico gerou algumas crises no seio familiar, fazendo surgir dúvidas e inseguranças que intensificaram os sentimentos de medo e angústia, tendo em vista que a família é uma unidade funcional e qualquer transtorno em um dos seus membros repercute nos demais.

Os sentimentos em relação ao diagnóstico que foram apresentados pelos respondentes são emoções comuns, uma vez que as informações e compreensões sobre o autismo ainda são limitadas. Nessa pesquisa, os familiares demonstraram ser

capazes de elaborar suas próprias vivências, estando cientes de suas limitações e capacidades.

A dimensão do impacto do TEA nas famílias participantes desta pesquisa abrange mudanças e adaptações, conflitos conjugais, conflitos familiares e dificuldades de socialização. Tais mobilizações enfatizam as consequências que um membro atípico gera ao ambiente familiar, justificando, mais uma vez, a relevância deste estudo.

Os desafios do processo de reinserção social dos participantes da pesquisa resumem-se no preconceito, no desconhecimento e na falta de preparo da sociedade para conviver com o autismo, realidade refletida na ausência de políticas públicas efetivas no âmbito de diagnóstico, tratamento e amparo do autista e de seus familiares. Assim, os resultados apresentados salientam a necessidade da realização de novas pesquisas nessa área e de novas políticas que abordem o tema.

## **5 CONCLUSÃO**

Considera-se que o trabalho atingiu os objetivos propostos e contribuiu para o conhecimento da área. Observa-se, também, que os resultados encontrados podem contribuir para a reflexão da sociedade sobre as necessidades dos autistas. Além disso, o estudo complementa o conhecimento produzido na área e aponta para novas questões a serem exploradas em investigações futuras. Outros estudos na área são importantes, com destaque à demanda por investigações que focalizem a necessidade de informações relatadas pelas famílias, não só importantes após o diagnóstico da criança, mas no decorrer do seu desenvolvimento em diferentes estágios da vida.

Ao investigar o impacto do TEA na família, por meio do levantamento bibliográfico e da pesquisa de campo, conclui-se que o autismo exige uma reestruturação em todo o contexto familiar, pois todos sofrem o impacto do diagnóstico e, após esse momento determinante, ainda precisam lidar com a sociedade e as adaptações necessárias em todas as esferas.

Nesse ponto final, peço licença à fala de pesquisadora e me coloco como mãe de autistas, destacando que vivenciei todos os aspectos apresentados e discutidos ao longo da pesquisa. Em alguns momentos, senti que a minha história estava sendo narrada pelos autores citados na literatura e pelos respondentes durante a pesquisa de campo.

Cabe, assim, mencionar que a minha reinserção social foi muito desafiadora, uma vez que tive dificuldades em frequentar lugares públicos com meus filhos. Durante toda a minha jornada, percebi a falta de compreensão da sociedade com o autismo, pois, na ânsia de buscar ajuda para meus filhos, me deparei com uma sociedade que não estava preparada para nos receber.

Vivi na pele o sentimento de pena e desprezo no olhar das pessoas que cruzavam o meu caminho e dos meus filhos e só consegui me reinserir na sociedade, a partir do momento que entendi o autismo e passei a conviver com mães na mesma realidade que eu.

Creio que, se as pessoas tivessem mais empatia ou se a sociedade compreendesse melhor as características do autismo, eu teria me reinserido na sociedade com mais facilidade, além de ter proporcionado aos meus filhos uma melhor qualidade de vida. Diante de tudo o que vivi e dos resultados expostos na minha pesquisa, acredito que consegui responder à questão problema que norteia o estudo e deixar, aos futuros pesquisadores na área, uma importante contribuição sobre o tema da reinserção social.

## Referências

CDC. Prevalence of autism spectrum disorder among children aged 8 years - Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2010.

**Morbidity and mortality weekly report: Surveillance Summaries**, Houston, v. 63, n. 2, p. 1-21, 2014.

\_\_\_\_\_. Prevalence of autism spectrum disorder among children aged 8 years - Autism And Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States. **Surveillance Summaries**, Califórna, v. 69, n. 4, 2020.

Cunha, E. (2019). **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família**. 8 ed. Rio de Janeiro: Wak.

\_\_\_\_\_. (2018). **Autismo na escola**. Rio de Janeiro: Wak.

Cuvero, M. M. (2008). **Qualidade de vida relacionada em cuidadores de crianças e adolescentes com autismo**. 72 F. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, Universidade Federal De Uberlândia, Uberlândia.

D'antino, M. E. F. (1998). **A máscara e o rosto da instituição especializada: marcas que o passado abriga e o presente esconde**. São Paulo: Memnon.

Favero, M.; Santos, M. (2005). Autismo infantil e estresse familiar: uma revisão sistemática de literatura. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 18, n. 3, p. 358-369.

Fenapes. (2000). **Projeto Águia**. Brasília: FENAPAE.

Ferreira, J. C. P. (2009). **Estudo exploratório da qualidade de vida de cuidadores de pessoas com perturbações do espectro do autismo**. 147 F. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Universidade Do Porto, Porto.

Ganev, E.; Lima, W. L. (2011). Reinserção social: processo que implica continuidade e cooperação. **Revista Serviço Social & Saúde**, Campinas, v. 10, n. 11, p. 113-129.

Garcia, T.; Rodriguez, C. A. (1997). Criança Autista. In: BATISTA, R. **Necessidades Educativas Especiais**. Lisboa: Dina Livro.

Gauderer, E. C. (1993). **Autismo**. São Paulo: Atheneu.

Gonçalves, A. S. R. (2012). **Alunos com perturbações do espectro de autismo: intervenção educativa**. 113 F. Dissertação (Mestrado), Mestrado na Especialidade de Educação Especial e Domínio Cognitivo e Motor, Escola Superior De Educação Almeida Garrett, Lisboa.

Grandi, T.; Panek, R. (2015). **O cérebro autista: pensando através do espectro**. Rio de Janeiro: Record.

Grandini, T.; Scariano, M. (1999). **Emergence: labeled autistic**. New York: Warner Books.

Mas, N. A. (2018). **Transtorno Do Espectro Autista - história da construção de um diálogo**. 130f. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade De São Paulo, São Paulo.

Matsukura, T. S.; Marturano, E. M.; Oishi, J. (2007). Estresse e suporte social em mães de crianças com necessidades especiais. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Maringá, v.13, p. 415-428.

Matsukura, T. S.; Menecheli L. A. (2011). **Famílias de crianças autistas: demandas e expectativas referentes ao cotidiano de cuidados e ao tratamento**. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCAR**, São Carlos, v. 19, n.2, p 137-152.

Nascimento, F. F. (2017). Escolarização de pessoas com transtorno do espectro do autismo a partir da análise da produção científica disponível na SciELO Brasil (2005-2015). **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 25, n. 125.

Nunes, D. R. P; Azevedo, M. Q. O.; Schmidt, C.(2013). Inclusão educacional de pessoas com autismo no Brasil: uma revisão da literatura. **Revista Educação Especial**, Porto Alegre, v. 26, n. 47, p. 557- 572, nov.

Obeid, R.; Daou, N. (2015). The effects of coping style, social support, and behavioral problems on the well-being of mothers of children with autism spectrum disorders. In: LEBANON. **Research in autism spectrum disorders**, v. 10, p. 59-70.

Oliveira, L. M. B. (2010). **Cartilha do Censo 2010** – pessoas com deficiência. Secretaria de direitos humanos da presidência da república. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Coordenação geral do sistema de informações sobre a pessoa com deficiência. Brasília.